'PRODUÇÃO CIENTÍFICA E GÊNERO: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Aline Maria Mendes Curto de Camargo, Joseli Maria Silva, e-mail: joseli.genero@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências

Geografia e Geografia Humana

Palavras-chave: Geografia, Discurso Geográfico, Gênero, Produção Científica.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é evidenciar como se organiza em termos de gênero o periódico mais antigo da área da Geografia no Brasil, a Revista Brasileira de Geografia. Para isso, foram analisados os artigos nela publicados de 1939 até 1996, período em que ela manteve a periodicidade. Assim, o periódico e o contexto da produção científica geográfica brasileira foi mapeado. A partir do perfil traçado após estas análises, constatou-se a baixa representatividade feminina e sua tardia participação, uma década após o início do periódico.

Introdução

As questões referentes ao gênero e a invisibilidade das mulheres no ambiente científico, mais especificamente na historiografia da geografia, implicam no estudo dos silenciamentos presentes na mesma. Silva (2009), argumenta que as mulheres não têm recebido o mérito científico que se verifica em relação aos geógrafos do sexo masculino. Para que haja a visibilidade dessas mulheres no meio científico, é imprescindível que este seja entendido como resultado de interpretações que têm como fundo as relações de poder.

Ao pesquisar em termos de gênero a Revista Brasileira de Geografia em suas 6 décadas de periodicidade, o objetivo principal é compreender como a ciência geográfica e sua historiografia se organizam em termos de gênero. Como parte integrante do discurso científico e viés político do Grupo de Estudos Territoriais da UEPG (GETE). Em seguida, será analisado o mapeamento dos principais conceitos publicados nos artigos do referido periódico em conjunto com o processo de institucionalização da disciplina de Geografia no Brasil.

Assim, esta pesquisa justifica-se como relevante ao colocar em evidência as geógrafas como protagonistas no campo científico, além de abordar a perspectiva de gênero em um viés feminista que rompe com a visão científica androcêntrica da geografia.

Material e Métodos

Para cumprir os objetivos propostos foram analisados quantitativamente de forma padronizada 690 artigos da RBG, publicados entre 1939 a 1996. Disponibilizados em um software de código aberto para futuras pesquisas na área deste periódico. A ferramenta livre do pacote LibreOffice, foi utilizada para compor o Banco de Dados do GETE. Nesse banco já constavam as variáveis título, ano, nome

do(os) autor(res), sexo e procedência institucional dos artigos. Nele, foram adicionadas as variáveis conceito e tema. Os dados foram filtrados, tratados e quantificados gerando assim, os gráficos que nos permitiram traçar um perfil da produção científica geográfica brasileira.

Resultados e Discussão

A construção do campo científico brasileiro esteve calcada no euro e androcentrismo, a naturalização das características hegemônicas no discurso científico do homem, hétero e branco, faz com que sujeitos que não se enquadram nesse perfil, sejam invisibilizados e anulados, assim como suas pluralidades e múltiplos saberes em diferentes espacialidades (Silva, 2009). Na produção científica da Geografia não foi diferente, sendo parte integrante de sua constituição a hierarquia e a submissão do feminino à dominação masculina, como resultado das relações de poder. Como apontam César e Pinto (2018), foi na terceira onda do movimento feminista, 1980 e 90 que as mulheres negras do terceiro mundo passaram a questionar o feminismo branco e heterossexual, o que como argumenta Silva(2009), abriu o caminho para um desenvolvimento epistemológico no campo da Geografia Feminista, pois o movimento deveria repensar as invisibilidades ainda presentes como a questão da etnia, raça e a sexualidade.

As questões de gênero, poder e invisibilidade, presentes na Geografia Feminista, a partir da década de 70, contaram com publicações de geógrafas como Susan Hanson, Janice Monk, Doreen Massey, Linda McDowell, Gillian Rose, Mona Domosh, Liz Bondi e Joanne Sharp, chegando ao Brasil na década de 80, com destaque para a geógrafa Joseli Maria Silva.

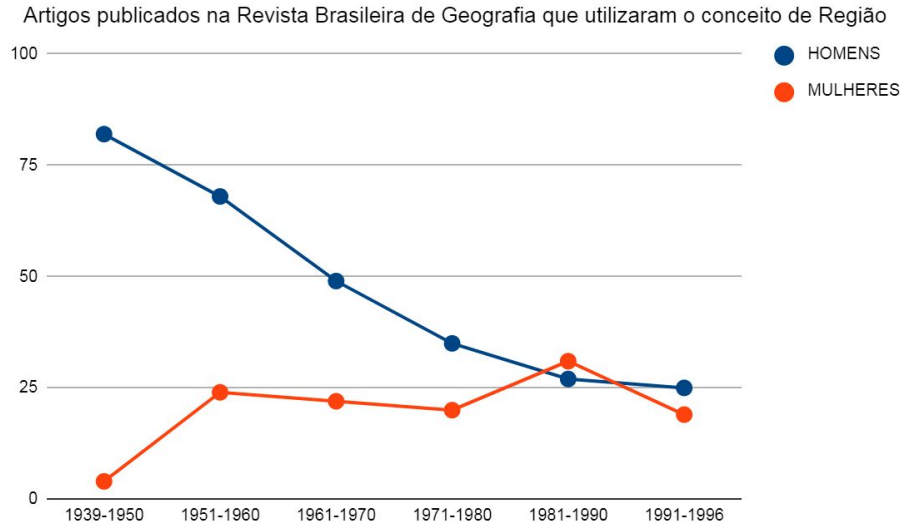
A RBG teve como objetivo a pesquisa e a divulgação do território nacional e também a metodologia utilizada na geografia moderna e no ensino de Geografia brasileira, tendo em vista especialmente projetos feitos pelo CNG. Assim, o periódico caracteriza-se como uma relevante fonte para o mapeamento dos conceitos e da proporção de geógrafas e geógrafas a partir da institucionalização da disciplina de Geografia no Brasil e ao longo da produção intelectual até 1996.

No que diz respeito aos dados desta pesquisa, num total de 690 artigos analisados, 210 foram publicados por mulheres, ou seja, apenas 30,4% dos artigos publicado. Entre as geógrafas em destaque na produção da RBG, estão Fany Davidovich, Berta K. Becker, Beatriz Maria Soares Pontes, Celeste Rodrigues Maio, Gisela Aquino Pires do Rio, LÌgia CelÛria Poltronienri, Zeny Rosendahl, Amlia InÍs G. De Lemos, Ana Fani Alessandri Carlos, Lylian Coltrinari e Maria do Socorro Brito.

As temáticas abordadas, em ordem decrescente foram: Geografia Econômica (167), Política (93), Pensamento Geográfico (79), Biogeografia (61), Urbana (49), Geomorfologia(47), Social(43), Climatologia(38) , Geologia(33), Hidrografia (21), Cartografia (20), Cultural (16), Agrária (12) e Metodologia (11).

A variável conceito, foi abordada em ordem decrescente conforme a frequência, são eles: Região(406), Território (138), Redes (46), Paisagem(50), Espaço(34) e Lugar (12). O Gráfico 1 expressa a distribuição temporal do número de artigos publicados por homens e mulheres com o conceito de Região na RBG, este conceito foi selecionado para explanação sobre os conceitos e a representatividade feminina na RBG, devido sua maior abordagem e sua semelhança com os resultados dos outros conceitos:

Gráfico 1



Um importante aspecto a ser observado no gráfico acima é o fato da presença feminina na RBG acontecer pela primeira vez apenas a partir da década de 50 com Lisia Maria Cavalcanti Bernardes que publica um artigo em conjunto com seu marido, uma década após as primeiras produções científicas o que evidencia o androcentrismo presente. Outra observação relevante no Gráfico 1 é diferença entre a participação das mulheres (120), aos homens(286) o equivalente a apenas 29,6% da representatividade das geógrafas nesse conceito na produção científica geográfica.

O conceito de Região acerca do gráfico, foi amplamente utilizado. Amplos debates abordaram esse conceito no pensamento geográfico, na geografia clássica foi fundamental para descrever regiões e identificá-las. Essa abordagem foi utilizada pela RBG para reconhecer e descrever o território brasileiro nas primeiras décadas de sua existência. Suas diferentes abordagens apresentam essa diversidade a partir da análise das mesmas nos artigos do periódico.

Com o passar das décadas, principalmente a partir da década de 70 a desigualdade entre representatividade feminina e masculina diminui, ao ponto de se igualarem a partir da década 80. Foi na década de 70 que os cursos de pós graduação surgem no Brasil, na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (UNESP-RC).

A abordagem do conceito de Território contou com a participação de mulheres(53), frente aos homens(85), a representatividade feminina de 38,4% ao abordar este conceito foi desigual. O conceito de Território esteve calcado na importância do capital e do espaço enquanto instrumento de manutenção da conquista e do poder. Já o conceito de Redes na RBG, teve a maior diferença de representatividade feminina nesse conceito. As mulheres publicaram 9 artigos, frente aos 37 publicados pelos homens. Os assuntos ligados as publicações na RBG com o conceito de Redes, principalmente na década de 40, teve principalmente a temática econômica sobre transportes. Por conseguinte, a Paisagem, na Geografia Tradicional foi privilegiada, tendo em vista sua ampla abordagem na década de 40,

com uma representatividade feminina (16) em contraponto a masculina (18), maior se comparada aos outros conceitos, apesar desta ainda ser superior a aquela.

Em relação ao Espaço, apesar das primeiras publicações de geógrafas na RBG ocorrerem na década de 50, este conceito só passou a ser por elas abordado na década de 60. A representatividade das mulheres (9) em relação aos homens (25), no que diz respeito ao conceito de Espaço foi praticamente um terço menor. O conceito de Lugar parte de um corrente humanista e cultural ligadas aos sentimentos e afetividades espaciais de um grupo sobre o espaço, à partir de suas vivências. Ele também apresentou uma desigualdade em relação à representatividade entre mulheres(3) e homens (9). Até a década de 90, quando as mesmas superam, se interessam e abordam mais o conceito que os homens. Nota-se o Lugar como o conceito menos abordado pelas publicações da RBG

Conclusão

A partir das reflexões apresentadas e da análise do contexto histórico da produção científica geográfica no Brasil, por meio da RBG, ao mapear os conceitos e a participação de geógrafas e geógrafos no campo científico da Geografia, esta pesquisa evidencia a baixa representatividade das mulheres na produção científica e a hegemonia masculina no campo científico da Geografia. Além disso, os conceitos e temas constituintes dos artigos analisados destacam uma abordagem de cunho androcêntrico, mesmo que realizada por mulheres o que ressalta essa dominação.

Nesse sentido, nota-se que a Revista Brasileira de Geografia como periódico de destaque não tem entre seus artigos discursos geográficos feministas, reflexo de um campo dominado por homens héteros e brancos inseridos em uma política que se beneficia com as invisibilidades e ausências presentes.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica e à UEPG pela formação intelectual recebida. Agradeço ao Grupo de Estudos Territoriais pelo acolhimento, especialmente a Joseli Maria Silva e Vagner André Morais Pinto pelo comprometimento durante a pesquisa.

Referências

CASTRO, Elias Iná; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa; **Geografia: conceitos e temas.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Morais. **Relações de gênero e a Revista Brasileira de Geografia: expressões da tradição geográfica nacional (1939-2005).** Geousp – Espaço e Tempo (Online), v. 22, n. 2, p. 366-379, mês. 2018.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2010.